

Editorial

A Revista Linguagem & Ensino (RLE) volta-se, neste número, para uma temática abrangente — a da relação entre linguagem e cognição —, mas pensada a partir de perspectivas específicas: o emergentismo em Linguística Cognitiva; o estudo psicanalítico de bases pulsionais da linguagem (as quais podem ser consideradas prévias e/ou paralelas à aquisição do pensamento simbólico); a crítica ao representacionismo tal como desenvolvida no âmbito de certas abordagens semiológicas e semióticas de processos de significação (com destaque para questões relativas à *inscrição*, ao caráter *icônico* e *indicial* dos signos, à *intertextualidade*).

O que se apresenta não é uma visão panorâmica da temática ou do estado da arte das perspectivas específicas — de âmbito já circunscrito — a ela relacionadas. Abre-se um canal que reúne e viabiliza produções textuais originais e oriundas de diferentes cenários. Para isso, lançaram-se chamadas e contataram-se pesquisadores cujo trabalho, já reconhecido, segue tratando de problemas controversos e não sedimentados no universo acadêmico. O resultado é o que segue.

A corporificação de conceitos e a constituição de amálgamas de matéria e signo como base fundamental dos processos discursivos e da produção de conhecimento no âmbito de ciências experimentais tais como a genética é o foco do texto de Hans-Jörg Rheinberger. O autor nos apresenta fases do processo histórico em que, ao longo do século XX, os chamados “genes” assumem indissociavelmente (1) “a forma de uma macromolécula, corporificando-se, portanto, numa classe de matéria” e (2) “a forma *inteiramente imaterial* de uma informação, descorporificando-se, portanto... e se transformando num significado biológico” (minha ênfase). Esse é um exemplo concreto da “dialética da conceitualização de um fenômeno e da corporificação de um conceito no jogo do trabalho com coisas epistêmicas” — jogo esse que seria essencial aos sistemas experimentais típicos das ciências empíricas dos séculos XIX e XX. Ao contrário do que se imagina, tais sistemas não se valem

da linguagem para *representar* fenômenos de uma realidade externa “material”, mas produzem, através da linguagem, e de forma *objetiva*, tais fenômenos.

Uma perspectiva como essa necessariamente desconstrói dicotomias clássicas como aquelas entre materialismo/idealismo, significante/significado, não no sentido de subverter ingenuamente essas categorias, mas de levá-las ao limite, como era a proposta mais ousada de “programas” como a gramatologia de Jacques Derrida. Baseando-se numa perspectiva de ousadia similar — a Teoria Ator-Rede —, Marcelo El Khouri Buzato repensa toda a questão do letramento e propõe, no artigo aqui publicado, “um enfoque alternativo, de cunho pós-social, às noções de participação, emancipação e inclusão digital”. Uma das características essenciais da Teoria Ator-Rede, tal como enfatiza com propriedade Buzato, é um “materialismo relacional”, segundo o qual “o social” não existiria fora de redes heterogêneas que colocam em relação entidades humanas e não humanas.

O debate sobre relações entre entidades humanas e não humanas em processos discursivos relacionados à produção de conhecimento nas mais diversas áreas — e em domínios interdisciplinares — perpassa também a contribuição de Rafael Diehl e Cleci Maraschin: “a prática de formalização do conhecimento coloca no centro da questão a relação entre as formas reconhecíveis pelos seres humanos e o funcionamento daquilo que tomamos como objetos”. Os autores ressignificam problemas relativos aos “limites formais de sistemas lógicos, relacionados aos paradoxos da autorreferência” e “ao uso de inscrições na produção e validação do conhecimento”, em termos das noções de “observador” e, uma vez mais, do *caráter corporificado da cognição*. O entendimento que eles têm de propostas como a da Biologia do Conhecer (Maturana e Varela), com sua distinção axiomática entre vivo e não vivo, leva-os, entretanto, a defender uma perspectiva em que máquinas não poderiam se constituir em observadores, apesar de possuírem corpos. Nesse sentido, a abordagem de Diehl e Maraschin diverge corajosamente daquelas defendidas por outros autores que contribuem para esse número. Seria preciso, ainda assim,

talvez lembrar as raízes do pensamento de Maturana e Varela na cibernética, e o otimismo com que Varela recebe os avanços de pesquisas na área da Inteligência Artificial, ligados a perspectivas híbridas (representacionais e conexionistas).¹

Tais avanços constituem o cerne da contribuição trazida por Christina Behme. Segundo a autora, certos modelos computacionais (Elman) “têm tido sucesso em simular” o comportamento de “crianças em processos de aprendizagem da linguagem no que diz respeito tanto aos êxitos quanto às limitações delas”. Tais modelos desafiarão radicalmente a máxima de Noam Chomsky de que “a aquisição da linguagem fosse um domínio específico e dependente de conhecimento inato”. A autora, por outro lado, aponta como um sério equívoco dos críticos do conexionismo a identificação usual entre redes e tábulas rasas. Assim como “estruturas profundas” estariam já implícitas na superfície da língua, redes conexionistas têm restrições inclusas, nem sempre reconhecidas. E não é preciso que essas redes tenham “uma estrutura específica fixa (inata)” para que possam resolver tarefas relativas ao aprendizado e uso de linguagem. Alerta-se para o risco de “suposições *a priori* quanto à natureza uniforme dos processos de aprendizagem linguística”.

Aline Bisotti Dornelas e Luiz Fernando Matos Rocha nos trazem um estudo sobre Construções de Movimento Fictivo (CMF) do Português do Brasil. São exemplos desse tipo de construção as frases “Essa estrada vai para o Rio de Janeiro”, “A Fila dava uma volta completa no quarteirão”. Apresentam elas “uma aparente incoerência... *verbo de movimento que tem como argumento externo algo estático*: extensões ou outros objetos conceptualizados como trajetória” (minha ênfase). A perspectiva subjacente à análise dos autores vem da Linguística Cognitiva, com sua respectiva ênfase — no que diz respeito ao

¹ Ver, por exemplo, Francisco J. Varela, Evan Thompson, e Eleanor Rosch, *The Embodied Mind* (MIT Press, 1993), p. 100 *ff.* Controvérsias relativas aos limites da Inteligência Artificial extrapolam em muito o universo acadêmico, tendo ganhado há tempo também, por exemplo, a cultura popular e as telas de cinema. Um filme de fôlego na exposição de alguns desses conundros, em cartaz atualmente, é o *Ela* (EUA, 2013) de Spike Jonze.

entendimento de fenômenos linguísticos — em “processos cognitivos de conceptualização, categorização, mesclagem conceptual, projeção [e] metáfora”. Por trás da fictividade, pode-se imaginar um substrato neural comum ativado tanto durante a execução da ação quanto durante a sua observação e compreensão. Seria ele o responsável pela emergência de uma “configuração simbólica, provida de um polo formal e um polo conceptual indissociáveis”. A conclusão do artigo é a de que “a incoerência não se estabelece para as CMF... o significado linguístico depende de fatores como experiência motora, sensorial e social.” Poder-se-ia perguntar, entretanto, se essa interdependência (entre observação e atividade motora) não é ela própria — justamente — o *locus* inevitável da incoerência, que se faz visível na superfície formal dos discursos.

David Maldavsky e Sebastian Plut nos trazem duas contribuições no âmbito das análises psicanalíticas de manifestações discursivas através do método algoritmo David Liberman (ADL). Como explicado por Maldavsky em seu artigo, esse algoritmo possibilita um tratamento sistemático de discursos a partir de uma abordagem em diversos níveis: relatos, atos de fala e palavras. O instrumento pode ser empregado na investigação de textos literários, reportagens jornalísticas, e manifestações verbais de diferentes sujeitos como políticos, pacientes e inclusive os próprios terapeutas. O algoritmo toma como base os conceitos freudianos de “desejo (como derivação da pulsão)... defesa” e suas várias categorias correlatas, tais como libido intrasomática, oral, sádico-oral, sádico-anal, fático-uretral, fático genital etc. O ADL beneficia-se do estudo de distribuições de frequências, e teria um caráter interativo que “facilita ao usuário a decisão de aceitar ou não as opiniões que o programa propõe”.

Sebastian Plut utiliza o algoritmo na sua análise de entrevista exclusiva concedida na prisão, ao Diário Digital Cambio 16, pelo ex-presidente da Argentina Jorge R. Videla, em fevereiro de 2012. No discurso do ex-presidente, o algoritmo permite a Sebastian diagnosticar a importância relativa de quatro desejos: anal primário, intrassomático, oral secundário e anal secundário — segundo terminologia já explicada por Maldavsky

e desenvolvida originalmente por Freud em seu estudo sobre “Pulsões e Destinos de Pulsão” (1915). Tais desejos se exprimiriam no texto em termos, por exemplo, de uma “luta contra o caos” e um “sentimento de injustiça” com relação à “mentira” que Videla imagina instalada na Argentina do período. Eles estariam presentes de forma variada nos diferentes níveis de análise propiciados pelo ADL, como os relativos a palavras e relatos. É o “automatismo” do algoritmo que permite a identificação dessas variáveis com uma perspicácia que sobrepuja a consciência do próprio analista.

Voltando-se para um passado apenas *cronologicamente* mais “arcaico”, e movendo-se num terreno em que não há “fronteiras precisas entre a religião e a política”, Kathrin H. Rosenfield resgata, através de uma análise de figuras femininas da tragédia, questões ligadas à inteligência e cognição das mulheres representadas por essas figuras. Num primeiro momento, “as heroínas das tragédias” se apresentam “como experimentos mentais, ficções, que permitem a espectadores e leitores refletirem sobre os *valores (masculinos)* da polis”. Mas Rosenfield sugere igualmente a existência de um “modelo de soberania [genuinamente feminina] subjacente às personagens de Sófocles e Ésquilo. Esse modelo é, muito provavelmente, a figura da sacerdotisa grega”. São as traduções de Hölderlin que, modernamente, melhor nos permitem vislumbrar o contexto em suas diversas implicações, cognitivas, de gênero e políticas, muitas delas paradoxais.

Seguem-se outras quatro contribuições que repensam questões similares no campo da poesia e artes visuais. O texto de Małgorzata Kłoskowitz trata de forças centrífugas e centrípetas operando numa leitura de conceitos-forma do poeta concreto polonês Stanislaw Dróżdź. Tais forças se situam entre o trabalho do poeta e do artista plástico, subvertem processos lineares de leitura e, conseqüentemente, pressupostos da gramática tradicional. Partindo de um breve comentário sobre *As Bodas de Caná* de Paolo Veronese, e valendo-se de conceitos da semiótica peirceana, Afonso Medeiros, por sua vez, sublinha “as múltiplas contribuições *do visual* na constituição do processo cognitivo humano, *sempre complexa e interdependentemente enredado*

com as outras formas de percepção e linguagens” (minha ênfase).

Laís Santoyo Lopes discute o fotojornalismo como *texto híbrido* — montagem —, capaz de perturbar discursos modernos hegemônicos e viabilizar “temporalidades alternativas”. Valendo-se de um extenso referencial teórico (Bruno Latour e Walter Benjamin, Jacques Rancière, Slavoj Žižek e Boaventura Santos), Lopes revela a figura aparentemente despropositada e emblemática de uma mulher “sem sapatos”, “cansada” em meio à turbulência econômico-consumista de Xangai. Seria a força de suspensão dessa imagem representativa do conceito barthesiano de *punctum*? De neutro? Com base na discussão apresentada por Rodrigo Fontanari, que assinala afinidades entre os dois conceitos, pode-se arriscar uma resposta.

Uma vez mais, a revista agradece aos leitores, autores e pareceristas, desejando a todos uma boa leitura.

Março de 2014
Alessandro Zir
Editor